Agroecologia e ancestralidade: a cosmovisão africana e sua conexão com os saberes agroecológicos

TATINI, Martha[1]; TATINI, Rebecca[2]
[1]- Mestre em educação sócio-comunitaria - UFV, martha.tatini@gmail.com; [2]- Graduada em Ciências Econômicas – UFOP, tatinibecca@gmail.com

Eixo temático: Terra, Território, Ancestralidade e Justiças ambientais

Resumo: Este relato de experiência técnica visa elucidar a compreensão dos saberes da cosmovisão africana e sua relação com a agroecologia. Os povos tradicionais de matriz africana cultuam a natureza como entidade sagrada e, portanto, cultivam a idéia de cuidado com o meio ambiente preservado para a manutenção de seus deuses. A motivação deste relato vem da nossa caminhada como iniciadas no Candomblé de Ketu no Brasil e no culto tradicional na Nigéria. A metodologia usada é revisão bibliográfica e observação participante. Esta reflexão faz-se necessária para desmistificar os preconceitos existentes com os praticantes desta cultura tão rica, ancestral e agroecológica visando promover o resgate dessas raízes culturais, alimentares e antropológicas, tentando estabelecer uma nova visão de mundo relacionada com o ser humano mais integrado ao meio ambiente e, portanto, mais humano.
Palavras-Chave: Agroecologia, Candomblé Ketu, Cosmovisão Africana, Povos Tradicionais de Terreiro, Cultura afrobrasileira.

Contexto

Analisar as relações sociais entre Brasil, África e seus colonizadores ao longo da história nos permite observar padrões de comportamento em suas nações e crenças. A cultura trazida de diversas partes do continente africano pelos povos escravizados sempre foi agroecológica, devido à relação dela com a natureza. Chamado no Brasil de Candomblé, os cultos tradicionais baseiam-se no culto às forças da natureza, chamando as várias faces desse ecossistema de “Orixás”. Os orixás são a representação de tudo que foi criado pela natureza. Não temos um orixá, mas estamos imersos neles. Respiramos Oxalá (ar) e bebemos Oxum (água doce) todos os dias. O ecossistema em que habitamos nos coloca todos os dias em contato com essas energias e, quando aprendemos a viver em coexistência com a natureza, entendemos que dela somos apenas uma pequena parte.

A relação dos povos com a natureza se dava de modo universal abrangendo não só as crenças, como a alimentação, o trabalho e as relações sociais. Através do aumento da globalização e em decorrência do racismo, preconceito e a disseminação das religiões cristãs entre os povos tradicionais percebeu-se, cada vez mais, um distanciamento dessas comunidades de sua própria ancestralidade e, por se tratar de uma cultura ensinada de geração em geração através da oralidade, começam a surgir barreiras para que se mantenha a tradição viva.

Neste relato, as autoras convidam a refletir sobre a Cosmovisao africana e a resistência das mulheres de terreiro, suas atribuições como guardiãs dessas tradições e dos diversos saberes agroecológicos, agroalimentares e curativos marcados pelo altruísmo, antagônico ao capitalismo ocidental.

As reflexões são parte da própria vivência das autoras, iniciadas na cultura do Candomblé de nação Ketu. A primeira autora foi iniciada na Nigéria. A iniciação foi em Ifá (senhor do destino) e no orixá Ogumque representa o minério de ferro, os caminhos e hoje em dia, a tecnologia. A segunda autora foi iniciada como Ekede (mãe escolhida pelos orixás) de Yemonjá Ogunté (água do mar ligada a Ogun), que representa o mar em fúria.

> Não existirá mais de uma divindade como Ogum. Sem Ogum não se limpa o mato (para plantar). Sem Ogum não se abre caminho. A enxada pertence a Ogum. Ogum é ferreiro. Ogum é agricultor e guerreiro. Sem Ogum não há comida (SALAMI apud PARIZI, 2005, p.129).

Descrição da Experiência

Não nasci na África, mas a África nasceu em mim (Autor Desconhecido).

Quando os negros sequestrados da África - mais especificamente os bantos e nagôs - chegaram ao Brasil, trouxeram muito mais que mão de obra escravizada. Com eles, vieram também os conhecimentos, dentre outros, sobre as plantas medicinais e curativas e os alimentos tradicionais, com suas próprias técnicas de plantio e a cultura ancestral de preservar o sagrado através do princípio da natureza em nós e nós na natureza.

> Os iorubás habitam as florestas do sudoeste do estado da Nigéria e parte da República do Benin, portanto, eram conhecedores das formações florestais tropicais. Correspondem a um dos povos mais importantes da África Ocidental, da África Negra, que imprime grafias importantes nos espaços do Novo Mundo, pois deles se originam manifestações culturais na América, entre essas o culto aos orixás, denominado candomblé, batuque ou Regla em Cuba. Manifestações que têm como princípio mágico as plantas na maioria de seus rituais. Povos pertencentes a tradições antigas e com fortes símbolos de ancestralidade. (GOMES, 2010 p.62)

Dentre os alimentos trazidos das várias regiões da África para fins curativos, ritualísticos e alimentares destacamos alguns (Carney, 2001): arroz-vermelho, melancia, inhame, cabaça, hibisco, *Canabis,* mamona, saião, [...] pimenta-malagueta, feijão-guandu, café, inhame-batata ou cará, inhame-amarelo da Guiné, cará-voador, inhame-arbusto, noz-de-cola ou obi, dendezeiro, algodão, capim-elefante, quiabo, gergelim, cabaça, feijão-fradinho ou macassar.

Os alimentos fortalecem nossos princípios vitais. As plantas, os princípios vitais e tudo mais que foi criado pela natureza são os orixás. Desse modo, é possível afirmar que a agroecologia é a mais pura essência dos orixás. Isto porque, a agroecologia é a ciência que estuda os sistemas agroalimentares, da semente a mesa (Gliessman,

2014), portanto, todas as dimensões do plantio ao consumo são de interesses da agroecologia. Para a produção de alimentos saudáveis é preciso integrar aspectos agronômicos, ecológicos e socioeconômicos (Cardoso, 2014), o que exige uma relação de respeito com a natureza, como ensinado no candomblé.

Para haver culto aos orixás é necessário que haja folhas (Ewe) e alimentos (Ajeum), comida de verdade que é produzida de maneira artesanal. Para cada ritual de Orixá existem alimentos específicos, com a única exceção de que, não importando o alimento, ele deve ser natural. Sempre retornando às raízes agroecológicas.

Quando entendemos a relação entre alimento saudável e natureza, passamos a entender também que o sagrado está nas forças da natureza e, que, portanto, precisamos respeitar o ciclo da terra para produzir a comida de verdade. No entanto, a urbanização como é feita e a globalização têm nos afastado do natural, causando desequilíbrio em nossas vidas.

Mesmo assim, ainda é possível encontrar roças nas cidades. No Brasil, as roças na cultura afro, não eram entendidas apenas lugares no meio rural. As roças consistiam, e ainda de certa forma consistem, em pólos de resistência e manutenção da cultura e das tradições trazidas da África, assim como locais de cura pelas folhas e pela alimentação, aprendizado, proteção e aconselhamento. Denominamos roça todo espaço que se cultua Orixás no Candomblé; terreiros são de umbanda, pois em geral são menores e urbanos. As roças, assim como os terreiros de candomblé, eram e ainda são liderados em sua maioria, por mulheres Yalorixás (sacerdotisas). Hoje em dia, no entanto, a sacralidade do alimento na roça de candomblé vem perdendo espaço para a globalização e os produtos alimentícios processados. Pela facilidade da aquisição desses ditos “alimentos”, pela mercantilização das iniciações, pela grande procura desses rituais, muitos candomblés se renderam ao capitalismo e estão perdendo suas tradições, sua essência e seu axé. Portanto, a aproximação entre candomblé e a agroecologia pode ser feita ressignificando o olhar da ciência sobre os saberes ancestrais da cosmovisão africana para criar um sistema agro alimentar futuro baseado no respeito à terra, sua diversidade, seus povos e Orixás.

Resultados e discussões

Este é um tempo de urgências e de desafios. A situação ambiental caótica, o excesso de agrotóxicos, o stress da vida urbana, a globalização e uniformização do “produto alimentício”, a pressa de se conseguir uma “dádiva” sem esforço, a ganância do capitalismo selvagem, o capital sendo mais importante que os seres que habitam a terra, o planeta por um fio e que exige de nós reverter e reaprender a respeitar nossa única morada, a Terra.

A Cosmovisão africana é complexa em seus rituais e tradições, mas reside na simplicidade dos ensinamentos da roça, da lavoura, das forças da natureza, os Orixás. Assim, nossa intenção com este relato é de alertar para a necessidade de os terreiros afro-brasileiros urgentemente resgatar suas raízese da agroecologia a

voltar seus olhos para a cultura ancestral que vem da África para que haja esta religaçao com a sacralidade do solo, da terra e das lavouras.

Não existe orixá em um alimento enlatado, não existe orixá em um organismo doente, não existe orixá quando há fome. Obaluaye e Omulu, orixás da terra e do solo, precisam de terra bem cuidada, sem agrotóxicos, sem adubos químicos e toda sorte de poluentes. Precisamos de Ogun, a agricultura sustentável e Odé, a colheita abundante. Todos nós precisamos de Oxum, os rios limpos e potáveis. Orixá vive na abundância da natureza, na abundância do alimento, na sociedade abundante e rica em justiça social, empatia, generosidade, compaixão e amor.

> O candomblé não é uma religião. É um culto. Culto aos antepassados, às forças da natureza. O candomblé é moderno. Ele já era ecológico antes que a ecologia entrasse em voga. Ele é avançado. Não exclui opções sexuais. Ao contrário, acolhe. [...]. A religião católica quer que os homens sejam deuses. No candomblé, são os deuses que baixam nos homens. Não é muito chique ser do candomblé. Pelo menos na parte do país em que eu vivo. Como toda cultura vinda dos vencidos, é visto como desvio, coisa de gente desajustada ou de artista. [...] E defendo nosso direito democrático de acreditar na força do trovão, dos mares, do vento e da chuva. Pode ser primário, mas é lindo. Quer coisa mais bonita do que acreditar que os deuses podem baixar entre os homens em lugares tão pobres onde nem a saúde, a educação e polícia se interessam em ir? (GUANAES, 2007)
>
> *Laroye Exu, Ogun yê, Atoto Obaluaye, Oké Aro Odé, Ore ye ô Oxun.*

Referências bibliográficas

CARDOSO, Irene M. **Agroecology for Food Security and Nutrition Proceedings of the FAO International Symposium** 18-19 September 2014, Rome, Italy

CARNEY, Judith. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. **África**: Revista de Estudos Africanos, São Paulo, n. 22-23, p.30, 2001.

GLIESSMAN, S.R. **Agroecology for Food Security and Nutrition Proceedings of the FAO International Symposium** 18-19 September 2014, Rome, Italy.

GOMES, Ângela Maria da Silva. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro africana [manuscrito]**: terreiros, quilombos, quintais da Grande BH / Ângela Maria da Silva Gomes. – 2009. 220 f.: il. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2010.

GUANAES, Nizan. **Candomblé**. Especial para Folha de São Paulo. Publicado em 06 maio 2007.Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u91865.shtml Acesso em 05/07/2019.

PARIZI, Vicente G. **Encruzilhadas e Travessias**: o encontro do humano e do divino na casa de candomblé ilê axé kalamu funfun, sob o olhar da psicologia transpessoal

e da poética de Gaston Bachelard. Dissertação (Mestrado) Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. São Paulo, 2005